

MANUAL DE SEGURANÇA PARA COBERTURA DE MANIFESTAÇÕES NO BRASIL



NOTA

Este é um manual puramente indicativo, que contém “dicas” de segurança. Foi elaborado com base em protocolos internacionais e em entrevistas com repórteres agredidos, hostilizados ou presos em protestos recentes no Brasil. As “dicas” devem ser lidas como quem ouve colegas que passaram por situações semelhantes às que o repórter pode vir a enfrentar – mas sempre deve-se ter em mente que não há regras universais que valem para todas as situações. Este manual pode até ajudar o repórter a diminuir sua exposição ao risco, mas jamais vai eliminá-lo. Este manual, portanto, não substitui o bom senso e nem esgota as situações de risco. Cada um é, em última análise, responsável por suas decisões e atitudes, que devem se adaptar às circunstâncias de cada situação. Por isso, a primeira e principal decisão do repórter é se ele se sente apto a aceitar a pauta que lhe deram.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO?

ANTES DE PARTIR: ANÁLISE DE RISCO

KIT DE PRIMEIROS SOCORROS

DURANTE A MANIFESTAÇÃO

EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA E PROTEÇÃO

SITUAÇÕES ESPECÍFICAS

PRIMEIROS SOCORROS

APÓS A MANIFESTAÇÃO

INTRODUÇÃO

A cobertura de manifestações de rua envolve riscos para os quais os jornalistas devem estar preparados. Conhecimento, experiência e planejamento podem ajudar a evitar estes riscos. Por isso, a Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) elaborou um guia conciso, com dicas e relatos de profissionais que viveram incidentes de segurança enquanto cobriam protestos.

Entre maio de 2013 e maio de 2014, houve pelo menos 171 casos de violações contra comunicadores que cobriam protestos de rua. Desse total, 112 foram agressões, detenções ou hostilidade cometidas intencionalmente – ou seja, o agressor mirou o jornalista que estava identificado como tal. Uma análise desses 112 casos mostra que policiais, guardas-civis e seguranças respondem por 77,7% dos ataques, enquanto manifestantes agredem e hostilizam em 22,3% dos casos. No universo total de 171 violações intencionais e

não intencionais, São Paulo foi a cidade com mais ocorrências (70), seguida do Rio de Janeiro (30) e de Brasília (16). Neste período, houve registro de violência em 16 cidades.

Aprendendo com a prática: relatos de agressões e arbitrariedades

Santiago Ilídio Andrade, de 49 anos, morreu no dia 10 de fevereiro de 2014, em decorrência de um incidente ocorrido quatro dias antes, quando registrava imagens do choque entre a Polícia Militar e manifestantes, na Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Ele trabalhava na TV Bandeirantes desde 2004. Profissional experiente, havia participado de cursos de prevenção de riscos em coberturas de conflitos armados. Santiago Andrade vinha de cobrir uma outra pauta, quando foi chamado para gravar imagens da manifestação contra o aumento das passagens de ônibus no centro do Rio. Atuava como motorista e cinegrafista, e trabalhava sem auxiliar ou repórter naquele

dia. Enquanto fazia seu trabalho, com a atenção totalmente focada na lente da câmera, foi atingido pelas costas por um rojão disparado por um manifestante.

A morte do cinegrafista foi, até agora, o incidente mais grave envolvendo os protestos e a imprensa. Fotógrafos e operadores de câmera, como Santiago Andrade, correm riscos adicionais por manejar equipamentos pesados e manter a atenção focada na captação das cenas, enquanto as condições de segurança mudam rapidamente ao seu redor. Para estes profissionais, o trabalho em equipe é ainda mais importante, uma vez que não podem voltar a atenção, ao mesmo tempo, para dois ou mais lugares diferentes.

Um repórter cinematográfico do Ceará, por exemplo, se colocou em situação de vulnerabilidade durante a cobertura de um protesto. Não houve planejamento prévio nem distribuição de funções entre os três membros da equipe. Além de gravar, ele mesmo exercia

a função de motorista e foi escalado sem saber que estava indo para uma manifestação. Nenhum membro da equipe possuía equipamentos de proteção pessoal.

Comportamentos imprudentes aumentam o risco. Mas mesmo quando medidas de precaução são tomadas, a cobertura de protestos continua sendo perigosa. Em São Paulo, um repórter fotográfico ficou cego de um olho após ser atingido por uma bala de borracha disparada por policiais, em junho de 2013. Ele considera que é preciso ir além da discussão da proteção do jornalista e diz que problemas estruturais impactam na falta de segurança. No auge dos protestos, ele lembra, grandes jornais publicaram editoriais cobrando uma ação mais enérgica da polícia, mesmo quando já se temia por consequências mais graves destas ações truculentas. Por isso, ele diz que é preciso que a imprensa rediscuta a própria pauta da violência e o seu papel nesta pauta. “É importante ter equipamento de seguran-

ça, mas não é o principal”, observou. A partir do incidente, ele mesmo passou a militar por uma melhor regulação das munições menos letais usadas pela polícia.

O temor e a desconfiança em relação à polícia é um traço constante nos relatos. “Temos de andar sempre juntos. A polícia tende a ser mais agressiva quando pega um jornalista sozinho”, constatou uma jornalista freelance que foi cercada por policiais numa marcha pela educação em outubro de 2013, na Praça da República, em São Paulo.

Em fevereiro de 2014, no Rio de Janeiro, um repórter que cobria a manifestação contra o aumento das passagens na Central do Brasil foi agredido com cassetete por PMs. “Eu me encostei na parede, levantei as mãos e me identifiquei como jornalista quando vi alguns policiais chegarem perto de mim. Levava um bloco de anotações em uma mão e uma caneta na outra. Fui atingido duas vezes na perna direita pelos cassetetes de dois

policiais militares. Um dos golpes quebrou a tela do meu celular, que estava no bolso da calça”, descreveu. Freelancer, não usava crachá, mas tinha um capacete com o símbolo da empresa. “Como a ação intempestiva da polícia desencadeou um caos generalizado, todos os pontos dentro e fora da Central acabaram se tornando inseguros, o que inviabilizou qualquer plano prévio. Mantive contato com o fotógrafo e colegas de outros veículos por celular, e julgo que isso foi útil para tornar a nossa saída do local minimamente mais segura”, acrescentou. “Prestei queixa na Polícia Civil e fiz exame de corpo de delito, mas como os policiais usavam máscaras e não traziam identificação aparente, ficou impossível identificá-los”, disse.

Outro repórter do Rio conta que foi atacado por PMs quando caminhava na direção da Candelária, voltando de uma manifestação na Prefeitura. “Os policiais estavam atirando com balas de borracha, e não havia como dis-

persar, porque não havia ruas transversais. Procurei abrigo dentro de um restaurante para me afastar da multidão e esperar o tumulto passar. Foi quando policiais arriaram a porta e jogaram uma bomba de gás lacrimogêneo. Pensei que ia me asfixiar. Muita gente passou mal e vomitou. Eu era o único com máscara. Quando conseguimos abrir a porta, achei que os policiais estariam ali para nos matar. Tirei a máscara, joguei no chão. Depois que levantei e vi que não havia ninguém, consegui que um camelô me jogasse água na cara. Estava em estado de choque. Liguei para a redação e disse que poderia haver uma tragédia, era um clima de guerra. Considero que tenho uma resistência grande, mas foi o dia de maior tensão em 15 anos de jornalismo.”

Alertado pela possibilidade de enfrentar nuvens de gás lacrimogêneo na cobertura da manifestação realizada em junho de 2013 em São Paulo, e com a intenção de minimizar seus efeitos, um repórter levou vinagre na

mochila e foi detido pela polícia. Em seu artigo para a revista onde trabalha, escreveu: “Questionei algumas vezes qual lei, norma ou portaria proibiria o porte de vinagre, mas não obtive resposta. No caminho, tive a oportunidade de ligar para uma amiga, também jornalista, que estava indo ao ato. Disse a ela que estava sendo levado à Praça do Patriarca. Em seguida, continuei gravando. Foi este meu último diálogo com os policiais antes de ser colocado contra a parede de uma loja fechada na praça.”

Mesmo repórteres que já haviam participado de coberturas perigosas e passado por cursos de prevenção de riscos em ambientes hostis, sentiram-se fragilizados. “A cobertura de protestos é completamente diferente da cobertura de narcotráfico”, disse um experiente repórter fotográfico do Rio de Janeiro.

Ele fala da ameaça representada também pelos manifestantes hostis. “Não sabemos lidar ainda com os integrantes de movimentos so-

ciais que não conseguem separar a figura do profissional da empresa onde esse profissional trabalha”, lamentou. “Estamos aprendendo com essa nova realidade. Valem as dicas dos cursos: buscar rotas de fuga, estar sempre ligado, procurar sempre ficar com uma equipe porque se protege mais. Mas me preocupa que eu não possa trabalhar com uma identificação de imprensa porque eles não gostam da empresa onde eu trabalho. São mil pessoas filmando, fotografando, e xingando os policiais, que raramente conseguem identificar quem é quem. Manifestantes colocam a câmera na frente do rosto e começam a gritar para que o policial os ataque, enquanto eles filmam”, completou.

Outro repórter fotográfico do Rio de Janeiro declarou: “Nas primeiras manifestações, eu tentava ficar perto das zonas de confronto para fazer vídeos com o celular. Era perigoso, porque eu ficava vulnerável não só aos manifestantes, como às forças de segurança.

No front da batalha, o repórter é só mais um manifestante, e a chance de se machucar é grande. E nenhuma das imagens com o celular ficaram aproveitáveis, só me expus a risco. Acho que com uma câmera é diferente.”

Agressões por manifestantes também foram relatadas na frente da Prefeitura de São Paulo no momento da depredação do prédio, em junho de 2013. Uma repórter de televisão descreveu assim a situação: “Eu estava gravando a passagem, agachei para pegar as pedras que foram utilizadas na destruição, que ainda estavam no chão. Quando me levantei, um manifestante com o rosto coberto jogou vinagre nos meus olhos. Eu tinha o microfone com o logotipo da empresa na mão, além de estar acompanhada de um cinegrafista e iluminador. Não tinha como não ser identificada. Até aquele dia, as coberturas tinham sido calmas. Depois disso, aumentaram as agressões contra os jornalistas e fiquei com mais medo de ir para a rua.”

O repórter fotográfico que cobria um protesto popular em São José do Rio Preto, no interior de São Paulo, para um jornal regional impresso, em junho de 2013, sentiu-se abandonado pela polícia: “Durante o protesto, manifestantes passaram a depredar o terminal rodoviário. Policiais Militares que acompanhavam a manifestação não fizeram nada para impedir. Enquanto eu fotografava, fui cercado por cerca de 30 manifestantes que tentaram roubar meu equipamento e me agrediram com socos e pontapés. Um jornalista correu para avisar os policiais, mas eles se recusaram a entrar no terminal para conter a agressão. Só não fui roubado e ferido com gravidade graças à intervenção de colegas que estavam por perto e me defenderam.”

No Espírito Santo, a agressão aconteceu quando o repórter que fazia uma reportagem sobre o protesto contra as condições do transporte na cidade de Vila Velha foi surpreendido, junto com o cinegrafista, pela

multidão que corria desesperada por causa da ação de mais de 100 homens da polícia. A PM atirava balas de borracha, bombas de gás e de efeito moral. “Em um determinado momento, nossa equipe foi atingida duas vezes por bombas de efeito moral. Os artefatos foram lançados de forma intencional a fim de impedir a captação de imagens no ponto em que estávamos. Nesse protesto eu também fui atingido por um disparo de bala de borracha na perna direita”, contou.

Em Brasília, um produtor de reportagem de uma grande rede de TV usava máscara de proteção contra gases e mantinha contato permanente com outros colegas por um aplicativo de celular, na manifestação de junho de 2013. Quando a polícia chegou para dispersar os manifestantes, com veículos e cães, ele informou que era jornalista. Foi orientado a se afastar. Policiais continuaram a avançar sobre os manifestantes e um deles, sem identificação e de dentro de um veículo, o cobriu com spray de

pimenta. Também em Brasília, outro repórter foi cercado por policiais com cães e atingido por gás de pimenta quando apurava a agressão a um transeunte que reclamara da polícia. As violações ao trabalho da imprensa continuaram em 2014, apesar dos protestos das entidades de classe e das empresas de comunicação. Um repórter de São Paulo que estava cobrindo a manifestação contra a Copa do Mundo, próximo à estação do metrô Anhangabaú, em fevereiro, foi detido pela Polícia Militar. “Os manifestantes estavam bem perto da polícia. Quando a confusão começou, correram para a frente, onde eu estava. Acabei detido com sete ou oito manifestantes que tentavam escapar. Colegas de outros veículos tentaram argumentar com os policiais para que me soltassem. Apesar de o apelo deles não surtir efeito, os policiais entenderam que outros membros da imprensa estavam de olho em mim, o que me deixou mais seguro. Desde que cubro manifestações, sempre me senti segu-

ro ao apresentar meu crachá para integrantes do Estado (bombeiros, policiais militares, policiais civis). Agora, sinto que devo ficar mais atento e evitar ao máximo me expor. Não quero ser pego no fogo cruzado novamente.”

Há várias hipóteses para explicar a causa das agressões contra profissionais de comunicação nestes protestos.

O professor Rafael Alcadipani, da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, fez uma pesquisa com jovens, policiais e jornalistas durante as manifestações. Na opinião dele, houve uma mudança geral no nível de violência no Brasil. “As pessoas estão querendo resolver os problemas com as próprias mãos. Houve um recrudescimento das relações sociais e há uma sensação de que a polícia não resolve, a justiça não resolve, a imprensa não mostra a realidade. Hoje qualquer protesto é violento. A saída é fazer um novo pacto pela construção do Brasil e parar de buscar soluções paliati-

vas. Infelizmente, quem faz política social no país ainda é a polícia”, analisa.

A pesquisadora Esther Solano Gallego, professora do curso de Relações Internacionais da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), que estuda a violência ligada aos Black Blocs, acredita que a população ainda não se deu conta do risco que a sociedade corre com as agressões aos jornalistas: “A violência dos Black Blocs contra os jornalistas começou em agosto de 2013 focada contra os repórteres de grandes meios com os quais eles não compactuam. Inicialmente era uma agressão verbal, depois foi migrando e aumentando o nível de tensão. Já a Polícia Militar está aprendendo a lidar com as manifestações. A única coisa a fazer é diminuir esse clima de tensão. Sentar, conversar, mediar.”



O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO?

A polícia pode impedir o jornalista de ingressar em determinada área, ou delimitar os espaços de locomoção?

O artigo 5º, parágrafo XV, da Constituição Federal do Brasil diz que “é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens”.

O artigo 220 da Constituição Federal, diz: “A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.”

Os direitos de ir e vir, e de liberdade de imprensa, portanto, não podem ser impedidos. Mas deve haver bom senso por parte do jor-

nalista para não se submeter a riscos desnecessários.

A Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas nº 1738 de 2006 e a Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas de 18 de novembro de 2013 condenam ataques a jornalistas em zonas de conflito e atribuem esferas de responsabilidade.

O que diz a lei sobre o uso de força pelos agentes de Segurança Pública?

A Portaria Interministerial nº 4.226, de 31 de dezembro de 2010, estabelece 25 diretrizes sobre o uso da força e armas de fogo pelos agentes de segurança pública. Entre elas estão:

- ▶ O uso da força por agentes de segurança pública deverá obedecer aos princípios da legalidade, necessidade, proporcionalidade, moderação e conveniência.
- ▶ Os agentes de segurança pública não deverão disparar armas de fogo contra pes-

soas, exceto em casos de legítima defesa própria ou de terceiro contra perigo iminente de morte ou lesão grave.

- ▶ Não é legítimo o uso de armas de fogo contra pessoa em fuga que esteja desarmada ou que, mesmo na posse de algum tipo de arma, não represente risco imediato de morte ou de lesão grave aos agentes de segurança pública ou terceiros.
- ▶ Não é legítimo o uso de armas de fogo contra veículo que desrespeite bloqueio policial em via pública, a não ser que o ato represente um risco imediato de morte ou lesão grave aos agentes de segurança pública ou terceiros.
- ▶ Os chamados “disparos de advertência” não são considerados prática aceitável, por não atenderem aos princípios elencados na Diretriz n.º 2 e em razão da imprevisibilidade de seus efeitos.
- ▶ O ato de apontar arma de fogo contra pessoas durante os procedimentos de aborda-

gem não deverá ser uma prática rotineira e indiscriminada.

A Resolução nº 6/2013 da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República diz que “a atuação do Poder Público deverá assegurar a proteção da vida, da incolumidade das pessoas e os direitos humanos de livre manifestação do pensamento e de reunião essenciais ao exercício da democracia”. E determina medidas de proteção para comunicadores:

- ▶ **ARTIGO 2º:** Nas manifestações e eventos públicos, bem como na execução de mandados judiciais de manutenção e reintegração de posse, os agentes do Poder Público devem orientar a sua atuação por meios não violentos.
- ▶ **ARTIGO 3º:** Não devem ser utilizadas armas de fogo em manifestações e eventos públicos, nem na execução de mandados judiciais de manutenção e reintegração de posse.

- ▶ **ARTIGO 4º:** O uso de armas de baixa letalidade somente é aceitável quando comprovadamente necessário para resguardar a integridade física do agente do Poder Público ou de terceiros, ou em situações extremas em que o uso da força é comprovadamente o único meio possível de conter ações violentas.
- ▶ **ARTIGO 5º:** As atividades exercidas por repórteres, fotógrafos e demais profissionais de comunicação são essenciais para o efetivo respeito ao direito humano à liberdade de expressão, no contexto de manifestações e eventos públicos, bem como na cobertura da execução de mandados judiciais de manutenção e reintegração de posse.
- ▶ **PARÁGRAFO ÚNICO:** Os repórteres, fotógrafos e demais profissionais de comunicação devem gozar de especial proteção no exercício de sua profissão, sendo vedado qualquer óbice à sua atuação, em espe-

cial mediante uso da força.

O coronel Eric Meier Júnior, da Polícia Militar do Distrito Federal, lembra que os órgãos policiais têm independência administrativa, portanto as ações são delineadas e detalhadas em cada Departamento Operacional. Caso haja desvios de conduta, abusos, violência desnecessária ou desproporcional, deve-se buscar a Corregedoria do órgão para registrar as queixas.



ANTES DE PARTIR: ANÁLISE DE RISCO

- ▶ **Planeje com antecipação** a cobertura que pretende realizar. Há alguma forma mais segura de obter as informações e imagens necessárias? Planeje o que fazer caso seja agredido, detido ou roubado. Caso conheça o percurso da marcha, **antecipe rotas de fuga** e combine isso previamente com membros de sua equipe.
- ▶ **Conheça o contexto social e político** que motiva os atores: que fatos recentes antecederam esta manifestação, qual a atitude geral em relação aos meios de comunicação, o que pensam sobre o meio em que você trabalha, você possui características que podem gerar algum risco adicional (como o fato de ser mulher, num contexto que envolva risco de violência sexual),

existem grupos com antecedentes de violência contra jornalistas?

- ▶ Antes de ir para o local, **visualize em GPS ou na internet o terreno** onde se dará o protesto, identificando delegacias, locais de abrigo, rotas de fuga, sentido das ruas, locais elevados para boas imagens, ruas sem saída, bloqueios, hospitais e locais de referência para reorganização em caso de dispersão.
- ▶ **Calcule quanto tempo** você e sua equipe precisam estar no ambiente para conseguir o que precisam.
- ▶ **Conheça a previsão do tempo** para o período de cobertura. Se for o caso, leve capa impermeável. Em alguns locais, a temperatura cai à noite. Previna-se. Preservativos podem ser usados para guardar cartões de memória de máquinas fotográficas em caso de chuva torrencial ou de uso de canhões de água por parte da polícia.
- ▶ **Mantenha uma linha de comunicação permanente** com a sala de redação. Combine conta-

tos periódicos a certo intervalo de tempo, por meio de mensagens de texto pré-definidas e, se preciso, codificadas, tais como “Pneu furado”, equivalendo à mensagem real: “Fomos detidos”. Podem ser criadas dezenas de mensagens para todas as hipóteses levantadas durante a fase de planejamento, associadas a uma tabela com cópia na redação.

- ▶ **Grave em seu telefone mais de um número de discagem direta** em caso de emergência. Insira a letra “A” no início do nome destes contatos, para situá-los no topo da agenda. Leve bateria reserva para o celular. Reduza o brilho da tela e desabilite dispositivos desnecessários que consumam energia excessiva do aparelho. Prefira aparelhos que comportem dois chips. Use chips de duas operadoras diferentes.
- ▶ **Repórteres fotográficos e cinegrafistas** devem ser auxiliados pelo repórter ou assistente, pois eles estarão focados no seu trabalho de colher imagens. Deve haver **alguém com visão ampliada e de todo o cenário**, preocu-

pado com a segurança da equipe. Combine previamente a distribuição destas funções.

- ▶ Caso conte com um **motorista**, certifique-se de que ele conheça o local, seja **capaz de prever rotas de fuga**, esteja sempre comunicável e não deixe o carro preso em vagas inacessíveis.
- ▶ Se você tem asma, problemas respiratórios ou infecciosos, está grávida, tem imunidade baixa, infecção nos olhos, usa lentes de contato e não tem óculos, evite engajar-se em coberturas deste tipo. **Assegure-se de que está fisicamente capacitado** para realizar a tarefa: você tem condições de correr?
- ▶ **Assegure-se** de que, em caso de que alguma coisa lhe aconteça, você e sua família estarão amparados com **cobertura médica e de seguro**.
- ▶ **Use identificação visível à distância** se considerar que isso representa maior proteção. **Esconda a identificação** e mimetize-se com as pessoas ao redor, **se for o caso**. Saiba ler o contexto e o ânimo dos atores

em relação à imprensa. Combine previamente estes procedimentos com a equipe.

- ▶ **Mantenha o dinheiro em diferentes lugares** da roupa e em carteira adicional, separado em pequenas quantias, em local impermeabilizado.

VEÍCULOS

- ▶ **Revise as condições de seu veículo:** verifique sempre, antes de sair, se tem o extintor de incêndio do veículo válido e, mais importante ainda, saiba como acessá-lo e utilizá-lo.
- ▶ Os **motoristas devem estar alertas**. Veículos de imprensa têm sido alvos de interesse de manifestantes hostis. Leve em consideração as regras da sua empresa e discuta com a equipe se é melhor o motorista ficar fora do veículo, em contato visual com o mesmo, ou dentro dele, com a chave na ignição, pronto para sair rapidamente se for necessário.
- ▶ **Depois de estacionar**, o motorista deve continuar atento e vigilante sobre as mudanças no ânimo da massa e as alterações das con-

dições de segurança ao redor. Se necessário, pode **considerar mudar o veículo de posição**, para evitar estar cercado, e deve certificar-se de que a equipe que participa da cobertura esteja informada do novo posicionamento.

- ▶ Uma **chave reserva** do carro deve ser providenciada e ficar **de posse de outro integrante da equipe**, diferente do motorista, também habilitado para dirigir.
- ▶ Acúmulos de função, como um motorista/cinegrafista, aumentam os riscos para os profissionais.

KIT BÁSICO PARA MOCHILA

- ▶ Use uma **mochila leve, fácil de abrir e fechar** e que se prenda bem ao corpo, facilitando seu deslocamento.
- ▶ Leve **água potável e alimentos energéticos** para o caso de a cobertura se estender. Separe os alimentos em pequenas porções. Você pode ter de manejá-los enquanto caminha por muito tempo.

- ▶ Saiba ativar a função de **lanterna** do seu celular. Caso não possua essa função, baixe o aplicativo ou carregue uma pequena lanterna consigo.
- ▶ Caso não conheça o local, um **mapa** pode ser útil. O **GPS** – tanto do carro quanto de celular – também. Saiba como operá-lo, **teste antes e familiarize-se com suas funções**. Você também pode, previamente, marcar no mapa pontos de interesse, como áreas elevadas para captação de imagem, hospitais, delegacias e rotas de fuga.
- ▶ Equipes de televisão devem preferir **equipamentos leves**, que possam ser facilmente carregados. Esteja preparado para deixá-los para trás, se precisar sair rapidamente.
- ▶ **Utilize uma pulseira ou uma placa de alerta médico** indicando seu tipo sanguíneo ou qualquer condição médica especial ou de alergia.



KIT DE PRIMEIROS SOCORROS

PESSOAL (PARA MOCHILA):

- ▶ Bactericida
- ▶ Compressas de gaze esterilizadas
(mínimo de 1 pacote com 10 unidades)
- ▶ Atadura de crepe (mínimo de
1 pacote com 4,5 X 10 cm)
- ▶ Esparadrapo (3 m X 2 cm)
- ▶ Luvas de procedimento (1 par)
- ▶ Anti-histamínico (antialérgico)
(4 comprimidos)
- ▶ Analgésico (4 comprimidos)
- ▶ Antidiarreico (4 comprimidos)
- ▶ Pinça
- ▶ Tesoura
- ▶ Protetor solar

PARA O VEÍCULO:

- ▶ Luvas de procedimento
- ▶ Esparadrapo
- ▶ Ataduras de crepe
- ▶ Curativos adesivos (para cortes e arranhões)
- ▶ Gazes absorventes
- ▶ Máscara de Reanimação Cardiopulmonar (RCP)
- ▶ Sabonete bactericida
- ▶ Antisséptico
- ▶ Álcool gel
- ▶ Pinça
- ▶ Tesoura sem ponta
- ▶ Isolante térmico aluminizado
(manta de emergência)
- ▶ Fitas adesivas
- ▶ Cotonetes
- ▶ Compressas estéreis
- ▶ Pacotinhos de açúcar: para hipoglicemia
(baixa de açúcar no sangue)
- ▶ Pacotinhos de sal: para hipotensão
(pressão arterial baixa)

Observação: com sal e açúcar é possível fazer soro caseiro, indicado para evitar desidratação - em um copo de água, misture uma colher de sopa de açúcar e uma colher de café de sal



DURANTE A MANIFESTAÇÃO

POSICIONAMENTO E AÇÃO

O Comitê de Proteção a Jornalistas sugere que se pense no jornalista como se fosse um árbitro em um campo de jogo: “Ele deve estar suficientemente perto para observar o jogo com precisão, mas ainda assim deve tomar todas as precauções para evitar misturar-se na ação”. Evite ficar encurralado ou preso entre os grupos que se enfrentam, ou no meio da multidão. Procure manter-se onde possa ter uma visão mais ampla. Tenha uma rota de fuga em mente, sempre. Ao chegar ao local, antes de qualquer coisa, pense em como sair dali em caso de emergência.

► Ao chegar ao local, **faça um mapa mental**, identificando o posicionamento da Tropa

de Choque e da Cavalaria. Estes grupos especiais podem estar situados a uma ou mais quadras de distância, fora da visão dos manifestantes. É importante prever de onde eles podem vir e em que direção correr caso haja ordem de dispersão.

- ▶ **Esteja atento às mudanças de ânimo da manifestação** e mudanças de posicionamento da polícia. Saiba interpretar os sinais do contexto e se antecipe aos riscos. Normalmente, a formação da Tropa de Choque indica intenção de dispersar. Anteveja a direção em que esse movimento acontecerá e planeje seus movimentos em função disso.
- ▶ **Evite vagar aleatoriamente** no meio da massa, prefira investidas pontuais para registrar o que necessita.
- ▶ **Considere filmar de um ponto mais distante**, nas laterais, ou no alto. Esse planejamento pode ser feito no mapa, com imagens aéreas ou informações obtidas por contatos no local.
- ▶ **Nunca recolha nada jogado** durante uma

manifestação. Pode tratar-se de um explosivo de fabricação caseira ou outro dispositivo combustível, além de gerar suspeitas para a polícia de que você também é um manifestante; suspeite de todo e qualquer material abandonado.

- ▶ **Não toque em invólucros deflagrados** de bombas lançadas pela polícia. Elas podem estar quentes.
- ▶ **Não tome partido** por nenhum dos grupos envolvidos.
- ▶ Ao filmar abordagens policiais, **evite acercar-se pelas costas de policiais envolvidos** na situação. Prefira as laterais. Nunca toque policiais que tenham sacado armas – especialmente os fotógrafos, que costumam pedir espaço para conseguir melhor ângulo. Lembre-se que os envolvidos na situação podem estar tensos e reagir de forma inesperada ao que considerarem uma ameaça.
- ▶ Repórteres fotográficos e cinegrafistas devem levar **lentes com teleobjetiva** que per-

mitam chegar mais perto da ação sem necessitar se expor a maiores riscos.

- ▶ Tente **evitar tirar muitas fotos**, ou **filmar por períodos muito longos** uma única pessoa ou um pequeno grupo de pessoas. Isso pode causar uma impressão de que essa pessoa/grupo pode estar sendo ameaçada/o.
- ▶ Se decidir mudar de direção, **peça conselhos e dicas a pessoas** que estejam vindo do local para onde você está se dirigindo.

EM CASO DE AGRESSÃO OU DETENÇÃO

- ▶ Se lhe tirarem algum objeto pessoal, incluindo gravações de vídeo ou anotações, **demonstre sua inconformidade**. Recorde-lhes que é um ato de censura que está proibido pela Constituição, **mas não entre em discussões acaloradas**, nem toque as pessoas.
- ▶ Dependendo da situação, não é aconselhável falar nada no momento. **Não afrente pessoas em fúria** e respeite o espaço de

cada um. Observe a linguagem corporal. Pessoas que gesticulam muito necessitam de mais espaço livre a sua volta. O mesmo acontece com pessoas armadas. Aceite insultos e **tenha paciência**.

- ▶ **Mantenha contato visual** quando for interpelado. Caso use óculos escuros, retire-os. Olhe nos olhos do interlocutor, respire fundo e tente impor um ritmo pausado e calmo à sua fala. Evite entrar em troca de acusações ou acelerar o ritmo da discussão. **Mostre que você não representa uma ameaça**.
- ▶ **Se for preso**, faça todos os esforços para manter uma **conduta profissional enquanto explica que é um repórter** e está informando a população; se mesmo assim for mantida a detenção, cumpra as ordens e espere uma oportunidade para apresentar seu caso com calma diante de uma **autoridade superior**.
- ▶ **Gravar as conversas** pode ser útil nesse momento. Pequenos gravadores ou apli-

cativos para smartphones podem ser utilizados com cautela e servir de prova a seu favor futuramente.

- ▶ Fale sempre a verdade e evite alterações. **Mantenha-se calmo** e assuma uma postura subserviente. Lembre-se, seu único objetivo nessa hora é sobreviver e sair dessa situação.
- ▶ Se for vítima de uma **detenção ilegal** por membros da força pública, informe imediatamente o Ministério Público ou autoridades municipais e as organizações de imprensa, e **exija a presença de um delegado**.
- ▶ Se for **agredido ou sofrer abuso, anote o número de identificação ou nome** do agressor e **denuncie** junto às autoridades (polícia, Ministério Público, Procuradoria), as organizações de imprensa e aos superiores do agressor.
- ▶ Caso seja colocado em um carro da polícia, **grite seu nome e o nome de seu veículo de comunicação** para que a informação sobre sua detenção circule.



EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA E PROTEÇÃO

- ▶ Considere a possibilidade de usar **capacete e colete**, com identificação de IMPRENSA, de acordo com a análise de risco feita na fase de planejamento. Se você é correspondente estrangeiro e possui seu próprio equipamento, lembre-se que palavras como PRESS e PRENSA podem não fazer sentido para pessoas que não conheçam inglês e espanhol.
- ▶ Caso a sua empresa não forneça estes equipamentos e você tenha de improvisar, preste atenção nestas orientações:

ROUPAS

- ▶ Use **roupas confortáveis** e de fibra natural.
- ▶ As **roupas impermeáveis** ajudam a proteger a pele dos efeitos do gás lacrimogêneo, mas, por outro lado, são inflamáveis em si-

tuações nas quais haja uso de material incendiário, como molotovs. Avalie o contexto e tome decisões em função dos fatos.

- ▶ O mesmo vale para **casacos de chuva ou tecidos à prova d'água** – lavados com sabão neutro, protegem contra agentes químicos (ao contrário do cotton ou algodão).
- ▶ **Leve uma roupa extra** na mochila para trocar, caso seja atingido pelo gás ou água, principalmente em locais de clima frio. A roupa atingida pelo gás fica contaminada, por isso guarde-a numa sacola à parte, de preferência de plástico, bem fechada.
- ▶ **Não use** brincos, piercings, colares ou gravatas que possam ser arrancados ou provocar estrangulamento.
- ▶ **Não use roupas de cores semelhantes** às de manifestantes ou das forças de segurança.

CABELOS

- ▶ **Cubra** com boné, capacete, touca ou sacola, se possível à prova d'água.

- ▶ **Cabelos compridos devem ser mantidos presos**, para evitar maior área de contaminação por gases ou que sejam agarrados e enrosquem em cercas ou pregos.

PELE

- ▶ **Não passe** na pele: vaselina, detergente, hidratantes, maquiagem, protetor solar que contém óleo ou qualquer produto ácido que pode provocar reações fortes.
- ▶ A reação aos efeitos químicos dos gases será maior se houver alguma irritação na pele, como acne ou irritações severas.
- ▶ Chuva e suor aumentam a sensação de queimação provocada pelo gás na pele.

OLHOS

- ▶ **Não use lentes de contato.** Elas retêm o gás lacrimogêneo; caso isso ocorra, a desintoxicação dos materiais deve ser feita com água abundante e corrente.
- ▶ **Use bandanas e lenços embebidos em água**

e toalhas úmidas para diminuir a inalação dos gases e agentes químicos enquanto deixa o local contaminado; não esfregue nada contra o rosto - isso ativa ainda mais os elementos do gás.

- **Não há comprovação científica** de que o **vinagre** neutraliza os efeitos dos gases. Ele causa apenas uma sensação de alívio momentânea. E como trata-se de um ácido, pode provocar irritação no nariz, boca e garganta. **O ideal é usar um pano embebido em água**, que serve como um filtro para impedir a passagem do gás, dando tempo para que a equipe abandone o local. Mas lembre-se de que é uma solução improvisada. Existem máscaras à venda no mercado, semelhantes às usadas pelas forças policiais, que oferecem cobertura para os olhos, com filtros. Em linhas gerais, máscaras próprias para trabalhar com amônia funcionam contra o gás lacrimogêneo.

- ▶ **Evite tentar proteger apenas os olhos** com máscaras de natação ou de pintor. **O ideal é uma máscara para proteção com carvão ativado.** Se usá-las, combine com a solução descrita acima para nariz e boca. A máscara de natação cobre apenas os olhos, deixando o nariz descoberto. A pessoa vai começar a lacrimejar, a lente vai embaçar devido ao suor e à tensão, e rapidamente será preciso tirá-la. Máscara de pintor deixa os olhos desprotegidos. Com a sufocação provocada pelos agentes químicos, a tendência é tirá-la rapidamente também. Se a concentração do gás for baixa, o jornalista pode usá-las apenas para ganhar algum tempo até sair da área contaminada.

PÉS

- ▶ **Use sapatos confortáveis**, com solas antiderrapantes e que permitam correr e caminhar por longos períodos.
- ▶ Existem calçados que garantem uma proteção maior aos dedos; são praticamente

como coturnos, mas com design de tênis, geralmente de couro (usados por profissionais que precisam de segurança no trabalho).

- **Tenha especial** cuidado ao circular por áreas onde haja barricadas em chamas, destroços, vidros quebrados e outros materiais que possam varar a sola do tênis.



SITUAÇÕES ESPECÍFICAS

TIROS DE BALA DE BORRACHA

Não tente se aproximar, argumentar ou impedir os disparos. Prefira sair do alcance dos tiros o mais rápido possível e de forma segura. A tendência da polícia é disparar na altura da cintura para baixo, então a orientação **é sair do campo de ação, protegendo o rosto com os braços e a lateral do corpo**. Não superestime a proteção do colete e do capacete, caso esteja usando, porque as balas provocam ferimentos em qualquer parte do corpo que, dependendo da distância do disparo, podem ser graves. Na primeira oportunidade, **procure um abrigo**. Não é recomendável deitar ou sentar, porque, neste caso, o rosto ficará no ângulo do disparo.

SPRAY DE PIMENTA OU GÁS LACRIMOGENEO

- ▶ **Procure afastar-se da área contaminada** pela substância o mais rápido possível, mantendo a **cabeça alta e sem esfregar o rosto**. Fique calmo, concentrado e tente cadenciar a respiração. O pânico, a hiperventilação e a transpiração fazem os poros se abrir e aumentam a irritação da pele. Acalme-se. Saiba que o efeito é passageiro. **Tente não sentar ou deitar na área contaminada**, já que os gases se concentram em locais mais baixos.
- ▶ **Para limpar os resíduos do gás**, vire a cabeça lateralmente, jogue **água corrente abundante** e deixe-a escorrer do olho para fora, em um olho de cada vez; cuidado para que a água escorra em direção ao chão, e não contamine a pele, roupas ou cabelos. Esta técnica funciona apenas caso exista água corrente e abundante no local. Do contrário, pouca água criará apenas mais irritação.

- ▶ **Assoe o nariz e cuspa**, isto ajudará a eliminar os químicos.
- ▶ Se sua pele tiver sido molhada com spray de pimenta, limpe-a com roupa que não foi contaminada. Se você espalhar o óleo químico pela pele, aumentará a dor.
- ▶ **Para se descontaminar, tome um banho frio e demorado**; isso vai manter os poros fechados e evitar que os químicos entrem pela pele.
- ▶ Coloque as roupas contaminadas numa sacola e tire todo o ar. Depois, **deixe a roupa contaminada em local aberto**, para arejar; se você entrar em uma sala com roupas, cabelo e pele contaminados por químicos, você irá contaminar toda a sala. Lave-a separadamente de outras roupas não contaminadas, com água e sabão. Se possível, troque de roupa antes de entrar em locais fechados.

Observação: Dias chuvosos ou muito úmidos favorecem a concentração do gás em zonas baixas tornando seus efeitos ainda mais in-

cômodos e persistentes. Procure sempre locais elevados e ventilados.

EM CASO DE CRISE DE PÂNICO

- ▶ **Respire lentamente** pelo nariz, retenha o ar e solte, repetindo mais de uma vez.
- ▶ Repita para si mesmo: tudo vai ficar bem, os sintomas vão passar, os efeitos são desconfortáveis mas passageiros.
- ▶ **Converse, peça ajuda**, afaste-se do foco de tumulto e reavalie a situação.



PRIMEIROS SOCORROS

O Corpo de Bombeiros está treinado para prestar os socorros de urgência com paramédicos, enfermeiros e técnicos. Em geral, em grandes manifestações, um carro dos Bombeiros fica próximo ao local e pode ser procurado para os primeiros socorros. Nas Tropas de Choque há um policial também capacitado para fazer este atendimento.

Pequenos procedimentos podem salvar vidas, mas procedimentos errados podem causar danos irreparáveis. Por isso é importante que as empresas ofereçam treinamento com pessoal especializado, como médicos e paramédicos. E que a equipe, na fase de planejamento, identifique hospitais e clínicas próximas ao local e conheça o caminho até eles. Caso o motorista seja o ferido, outro integrante da equipe deve

estar preparado para realizar a evacuação (dirigir o carro, operar o GPS e chegar ao hospital).

SE FOR PRESTAR AUXÍLIO A ALGUÉM

- ▶ **Olhe bem ao redor** e certifique-se de que, ao ajudar alguém, você não estará sujeito a ferimentos também. Isso é muito comum em situações nas quais o tráfego está apenas parcialmente bloqueado.
- ▶ **Explique à pessoa ferida** o que você fará, antes de fazer.
- ▶ Se possível, **use luvas limpas**, para evitar contaminar as duas partes, e proteção para os olhos.

Em caso de ter de auxiliar alguém ferido, **cheque as funções vitais**: consciência, circulação e respiração.

CONSCIÊNCIA

Sabe-se que uma pessoa está inconsciente porque não atende quando se fala com ela,

não tem reflexos nem responde a estímulos, como um aperto de mão ou um beliscão.

Se for comprovado que está inconsciente, **coloque-a deitada de lado**, para evitar que se engasgue com a língua ou se asfixie com o vômito.

Certifique-se de que a pessoa não se engasgará com chicletes, balas, dentaduras ou qualquer outro objeto que esteja na boca. Passe o dedo indicador pela língua e gengivas em forma de anzol, caso precise desobstruir a passagem de ar.

CIRCULAÇÃO

- ▶ Tomar o **pulso no pescoço** (região da carótida).
- ▶ Observar **se está sangrando**.
- ▶ Identificar **onde está o ferimento**.
- ▶ Fazer **pressão** sobre a hemorragia.
- ▶ Pedir **ajuda** para evacuação.

RESPIRAÇÃO

Uma pessoa que respira mal apresenta suor intenso, extremidades (dedos das mãos, boca, nariz) azuis e tentativas desesperadas

de pegar ar. Afrouxe sua roupa; **limpe a boca e a garganta** com um dedo em gancho; ponha uma mão na nuca e outra na frente, e **acomode a cabeça com cuidado para trás**.

O QUE FAZER:

- ▶ **SANGRAMENTO NASAL:** Pinçar o nariz com o polegar e o indicador, logo abaixo do osso, na cartilagem, manter a **cabeça em posição elevada**, olhando para cima, e segurar por 10 minutos. Se continuar sangrando, enfie um **pedaço de algodão ou pano** no nariz e continue o pinçamento por mais 10 minutos.
- ▶ **CORTES:** Fazer **compressão direta** sobre a hemorragia com um pano limpo, elevando o membro ferido num nível mais alto que o do coração.
- ▶ **OBJETO TRANSFIXADO:** Mantê-lo fixo colocando algum **pano em volta**; colocar um objeto leve tapando o que está transfixado; **prender** com uma fita; pôr um pano em cima e prender com uma faixa.



APÓS A MANIFESTAÇÃO

Imediatamente após a manifestação e o encerramento de seu trabalho de campo, **confira todo o material e pessoal**. Verifique se algo foi perdido ou danificado antes de abandonar o local e as condições de sua equipe.

Entre em contato com a redação e faça um breve resumo de tudo.

Na primeira oportunidade, **solicite relatório do máximo de pessoas possível** e explore os seguintes aspectos:

1. O que foi planejado
 2. O que foi executado
 3. O que deu certo
 4. O que deu errado
 5. O que você faria diferente
 6. Lições aprendidas para todos da empresa
- Se possível, elabore um relatório detalha-

do com imagens para que sirva de material de consulta futuramente.

DEPOIS DA AGRESSÃO; ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO

A pessoa pode apresentar ansiedade, hipervigilância, desconexão com a realidade, insônia, irritabilidade, distúrbios gastrointestinais, falta de apetite ou excesso de ingestão de alimentos, álcool, drogas, assim como crises de choro ou sensação de culpa em relação a ferimentos ou mortes presenciadas na cobertura. Nestes casos:

- ▶ **Converse** com pessoas próximas. Mesmo que não tenha vontade, tente relatar o que viveu.
- ▶ **Busque ajuda profissional.** Não tenha vergonha, a ajuda é determinante para recuperar a estabilidade emocional.
- ▶ **Evite o consumo** de álcool ou substâncias psicoativas.
- ▶ Faça exercícios, tire um tempo para descansar, **procure relaxar**, mantenha-se ro-

deado de amigos e familiares.

AOS FAMILIARES, AMIGOS E COLEGAS DE TRABALHO

- ▶ **Incentive a pessoa a falar** de sua experiência, esteja atento e disponível a escutar.
- ▶ Quando ela falar, **escute-a**, sem fazer julgamentos.
- ▶ Dê tempo aos silêncios, **tenha paciência** e não interrompa.
- ▶ **Não se apresse** em corrigir, dar respostas ou retrucar o que esteja sendo dito.

ÀS EMPRESAS

- ▶ Estejam atentas a **identificar profissionais afetados** pessoalmente por experiências traumáticas.
- ▶ **Incentivem** jornalistas com cargo de chefia e colegas mais experientes a conversar com repórteres mais jovens que tenham passado por essas situações.
- ▶ Concedam **licenças médicas** quando ne-

cessárias ou discutam com as equipes **escalas** que favoreçam o descanso depois de experiências traumáticas.

- ▶ Invistam na compra de **materiais de proteção individual** e na **capacitação** dos funcionários envolvidos neste tipo de cobertura.
- ▶ Tenham **planos de saúde e seguro de vida**, especialmente para profissionais que cobrem situações de risco.

FONTES:

- ▶ Survival Guide for Journalists - (IFJ), 2014
- ▶ Manual de Autoprotección para Periodistas - Fundación para Libertad de Prensa (FLIP), 2013
- ▶ Manual de Segurança para Jornalistas - Comitê para Proteção de Jornalistas (CPJ), 2012
- ▶ Mapa de Riscos para Jornalistas - Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), 2006
- ▶ Manual do Centro de Mídia Independente (CMI Brasil), 2001

AGRADECIMENTOS

- ▶ **Amilton Fernando Barbosa Moleta** - Tenente Coronel de Infantaria da Divisão de Avaliação do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB)
- ▶ **Cláudio dos Santos Feoli** - Major especialista na área de Controle de Distúrbios da Brigada Militar do Rio Grande do Sul
- ▶ **Eric Meier Júnior** - Coronel da Polícia Militar do Distrito Federal
- ▶ Departamento Jurídico da Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ)

E a todos os repórteres, editores, produtores, comunicadores que colaboraram preenchendo o questionário e fornecendo informações através de entrevistas.

EXPEDIENTE

Pesquisa e redação: Clarinha Glock

Edição: João Paulo Charleaux

Projeto gráfico e diagramação: Bob Nogueira

▲
Voltar para o topo



DIRETORIA DA ABRAJI:

Presidente

José Roberto de Toledo

Vice-Presidente

Thiago Herdy

Diretores

Alana Rizzo • Claudio Tognolli • Fernando Molica
Ivana Moreira • James Alberti • Maiá Menezes
Mauri König • Paulo Oliveira • Vladimir Netto

Conselho Fiscal

Bruno Boghossian • Daniela Arbex • Marcelo Träsel

Secretário-executivo

Guilherme Alpendre

Gerente-executiva

Marina Iemini Atoji